



CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA A EDUCAÇÃO

Pedro Augusto Guedes de França – PANORAMA - pedro_agf@hotmail.com

Taianara Catarine Ratis Santiago – ENSC - tatijesusshalom@hotmail.com

Micaela de Arruda Santiago – FACISA – micaelaratis@outlook.com

1. INTRODUÇÃO

O conhecimento da psicologia utilizado em favor da educação data do final do século XIX e início do século XX, a qual é atualmente conhecida como Psicologia escolar/educacional. Os Estados Unidos lideraram os domínios do surgimento, da expansão e aperfeiçoamento dos serviços da Psicologia Escolar e das pesquisas a este respeito (NETTO, 1996), cujos principais expoentes foram Stanley Hall e Lightner Witmer. O primeiro contribuiu para os temas envolvendo o desenvolvimento de educacionais, principalmente entre 1890 e 1915, bem como para o reconhecimento da importância do estudo empírico da criança, o que fortaleceu os laços entre a psicologia e a escola. Os que atuavam nesta clínica eram denominados psicólogos clínicos, mas que atuavam em problemas escolares, cuja preocupação básica estava ligada às crianças que manifestavam retardamento moral, mental ou físico, inseridas no processo escolar.

Em relação à Europa, a França é a principal representante da psicologia escolar ou educacional, cujos principais pesquisadores e teóricos são Alfred Binet e Henri Wallon. Binet, no início do século XX, foi procurado pelo governo francês para desenvolver procedimentos para identificar os estudantes que, porventura, necessitassem de tratamento especial. Seus serviços foram necessários, uma vez que o governo aprovou uma lei que exigia que todas as crianças entrassem na escola (HOCKENBURY & HOCKENBURY, 2002).

Segundo Bock (1999), nas décadas de 70 e 80 começaram a surgir duras críticas em relação ao modelo clínico de atuação do psicólogo escolar/educacional. Saindo de uma psicologia naturalizante, patologizante e individualista, surgiu uma nova psicologia comprometida com a realidade social e levando em consideração os determinantes socioculturais relacionados ao fenômeno educacional. Passemos agora a ver como foi sua origem no Brasil.



Segundo Antunes (2008), a psicologia educacional tem uma brevíssima história no Brasil. Entre 1830 a 1940 a psicologia era ensinada nas escolas formais. As escolas normais eram voltadas para a formação dos professores de ensino elementar. Ao longo dos anos, surgiu a necessidade de se estudar mais a respeito da psicologia e pedagogia, imprescindíveis para atender às demandas educacionais e tornar o processo ensino-aprendizagem mais eficiente. Assim, foi introduzido o ensino de psicologia na universidade, antes da criação do curso superior de psicologia e vai de 1940 a 1962.

Nesse cenário, cabe elucidar as atribuições desses profissionais no que tange às suas áreas de atuação. Segundo Joly (2001), a Psicologia Escolar coloca-se a serviço de todos os que estão diretamente ou indiretamente ligados ao processo de desenvolvimento do alunado, mas de modo geral, ao processo de ensino-aprendizagem, com o objetivo de otimizar esse processo e promover o bem estar de todos os atores relacionados aos alunos bem como os próprios alunos. Assim, questões oriundas de esferas motora, social, cognitivo-emocional, a estrutura curricular, a orientação e formação continuada de professores e as parcerias com as famílias, desde o cenário da educação infantil ao ensino superior, são focos de áreas específicas de atuação do psicólogo educacional (JOLY, 2001).

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a percepção do psicólogo escolar/educacional da rede municipal de ensino de Campina Grande, Paraíba, sobre seu papel na escola. Há poucas pesquisas referentes ao tema, especificamente na rede municipal de ensino. Assim, esse trabalho contribuirá para estudos posteriores sobre o tema, bem como ajudará os psicólogos do município a refletirem sobre sua prática, melhorando-a, uma vez que haverá um retorno para os mesmos sobre os resultados e reflexões deste estudo.

2. METODOLOGIA

Sobre as 11 psicólogas participantes, todas são do sexo feminino, as quais trabalham na rede pública de ensino da cidade de Campina Grande, PB. A escolha dessas participantes se deu por conveniência. A coleta de dados se deu por meio de uma entrevista semiestruturada, a qual foi aplicada nas escolas onde esses psicólogos trabalham e nos horários disponibilizados pelos mesmos. Os dados das falas dos entrevistados foram registrados em um minigravador, as quais foram



transcritas no computador e analisadas e discutidos posteriormente a partir de reflexões de autores e pesquisas na área.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos dados obtidos, percebe-se que a atuação das psicólogas na rede municipal de ensino abrange os alunos, família e professores.

Verificou-se que as psicólogas educacionais da rede municipal de Campina Grande atuam em relação aos alunos de forma individual ou coletiva, entretanto a ênfase é no atendimento individual, do aluno problema.

O próprio Conselho Federal de Psicologia (1992) admite a intervenção do psicólogo de forma coletiva, assim como individual. Entretanto, os resultados dos estudos de Ulup e Barbosa (2012) corroboram os dados desta pesquisa, indicando que, em se tratando do trabalho do psicólogo escolar, ele possuía e ainda possui, em parte, uma forte característica individual, focada nos problemas dos alunos.

Caso seja necessária a atuação de um psicólogo clínico ou de outro profissional especializado, o psicólogo educacional da escola deve encaminhar o aluno para esses profissionais, esgotados todos os esforços junto à equipe da escola (MARTINEZ, 2010).

Nas entrevistas foi possível identificar as atividades que as psicólogas, participantes da pesquisa, desenvolvem junto às famílias dos alunos. Assim, percebe-se que a atuação em relação à família, tanto de forma individual, como de forma coletiva, em reunião de reuniões de pais e mestres, onde há palestras e dinâmicas promovidas pelas psicólogas.

Martinez (2010) afirma que o psicólogo deve estruturar um trabalho junto a alunos e pais, seja de forma individualizada, seja de forma grupal.

Outro dado das entrevistas referente às famílias diz respeito ao fato de haver um foco o problema do aluno e não a promoção do seu bem estar e de todos os atores envolvidos na escola, assim como uma culpabilização por parte das psicólogas em relação aos pais pelos problemas de comportamento apresentados pelos alunos.

Desde a década de 80, a culpabilização da família vem sendo criticada por muitos psicólogos escolares (SOUZA, 2009). Segundo Lessa e Facci (2009), espera-se que os psicólogos escolares pautados num referencial teórico crítico



rompam com as explicações pseudocientíficas, que objetivam na família ou no aluno a origem dos problemas educacionais.

No que se refere aos dados das entrevistas sobre as atividades dos psicólogos escolares junto aos professores, percebe-se que elas consistem basicamente em escuta dos problemas que os professores têm em relação aos alunos ou outros funcionários, orientação e acompanhamento, como se pode ver nas falas que se seguem.

Barreto, Calafange e Lima (2009) afirmam que o psicólogo deve ser para os professores um bom suporte para a melhoria de seu desempenho, numa postura de maior flexibilidade. Para tanto, segundo Marinho-Araújo et al (2011), o psicólogo deve criar espaços de escuta às demandas do professor, como fazem os sujeitos deste estudo, acerca do contexto escolar, do processo de ensino-aprendizagem e das relações interpessoais estabelecidas.

Dos dados obtidos nas entrevistas, pode-se constatar uma indefinição em relação às atribuições das psicólogas escolares na escola. Ora, percebe-se que há na prática uma tentativa de fazer clínica na escola, embora em outros momentos as mesmas digam que uma de suas dificuldades é o fato de haver uma cobrança que se faça clínica na escola.

Esses dados corroboram com uma pesquisa realizada com os psicólogos na rede municipal de Campina Grande. Segundo a mesma, os psicólogos de sua pesquisa demonstram que o seu papel na escola não está bem definido para eles, como também não está definido para os outros profissionais na escola (MEDEIROS; AQUINO, 2011). Há várias consequências decorrentes disso. Causa angústia ao psicólogo por estar inseguro, não sabendo o que, nem como fazer diante das demandas dos escolares (MENEZES *et al*, 2007).

4. CONCLUSÃO

Os resultados encontrados nesta pesquisa revelaram que as psicólogas entrevistadas percebem suas atividades como diversificadas, atuando sobre todos os atores da escola. Entretanto apresentam uma tendência de uma prática voltada essencialmente para o aluno problema, tentando envolver pais e professores em suas intervenções. Além disso, percebe-se que as psicólogas não tem definição de seu papel na escola, mostrando-se confusas ao se falar de suas atribuições.



Além disso, acredita-se que há a necessidade de haver uma definição de seu papel para que haja uma prática que possa contribuir para uma educação de mais qualidade. Para tanto, é sugerido que as universidades façam estudos, promovam pesquisas nesta área, divulguem os resultados, façam grupos de estudos com essas psicólogas para que reflitam sobre sua atuação e possam articular teoria e prática. Finalmente, é necessário que as próprias psicólogas possam buscar constantemente construir, criticar, revisar seus conhecimentos psicológicos no campo da educação para poder interferir profundamente no desenvolvimento dos sujeitos que estão envolvidos na escola.

5. REFERÊNCIAS

- ANTUNES, M. A. M. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. **Revista ABRAPEE**, Campinas, v. 12, n. 2, Dez. 2008.
- BARRETO, M. da A.; CALAFANGE, P. A. F. R. D.; LIMA, Z. P. de. Estudo com Psicólogos Escolares: Ações e Desafios. **Psicologia Argumento**, vol. 27, n. 58, p. 261-269, 2009.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Atribuições Profissionais do Psicólogo no Brasil**. 1992.
- HOCKENBURY, D. H.; HOCKENBURY, S. E. Pensamento, Linguagem e Inteligência. In: **Descobrimos a psicologia**. São Paulo: Manole Saude, 2002, p. 239 – 275.
- JOLY, M. C. R. A.. A formação do psicólogo escolar e a educação no terceiro milênio. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 4, n. 2, Dec. 2000.
- MARINHO-ARAÚJO, C. M. et al. Psicologia Escolar no Distrito Federal: História e compromisso com políticas públicas. In: GUZZO, R. S. L.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. (Orgs.). **Psicologia Escolar: Identificando e Superando Barreiras**. Campinas: Alínea, 2011. p. 47-76.
- MARTINEZ, A. M. O que pode fazer o psicólogo na escola? **Em Aberto**, vol. 23, n. 83, p. 39-56, 2010.
- MEDEIROS, L. G. de; AQUINO, F. de S. B. Atuação do Psicólogo Escolar na Rede Pública de Ensino: Concepções e Práticas. **Psicologia Argumento**, vol. 29, n. 65, p. 227-236, 2011.
- NETTO, S. P. As origens e o desenvolvimento da psicologia escolar. In: WECHSLER, S. M. (Org.). **Psicologia Escolar: Pesquisa, Formação e Prática**. São Paulo: Alínea, 1996. p. 21-38.
- SOUZA, M. P. R. Psicologia escolar e educacional em busca de novas perspectivas. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, São Paulo, vol. 13, n.1, p.179-182, 2009.
- ULUP, L.; BARBOSA, R. B. A Formação Profissional e a Ressignificação do Papel do Psicólogo no Cenário Escolar: Uma Proposta de Atuação de Estagiários a Psicólogos Escolares. **Psicologia Ciência e Profissão**, vol. 32, n.1, p. 250-263, 2012.
-